

Comentários sobre o livro *Café Tangerynn*, de Emanuela Anechoum.

Flávia Ribeiro da Luz

O nome do livro, na minha opinião não se refere à fruta, tangerina, mas sim ao café e albergue para imigrantes (INN, em inglês) que o pai da heroína do livro, Mina, explorava na cidade de Tanger, Marrocos.

O nome Tanger, de acordo com a Wikipédia, vem da palavra Tangier em grego e latim e, devido ao fato de sua posição geográfica privilegiada (a cidade está localizada no topo noroeste de África, na costa Atlântica e na entrada ocidental do estreito de Gibraltar que une o Atlântico ao Mediterrâneo e separa Marrocos de Espanha, distando apenas 14 km da península Ibérica) foi alvo de sucessivas invasões.

Segundo tradições mitológicas greco-romanas, Tinjis ou Tinge que deu o nome original à cidade era esposa do Gigante Anteu, rei líbio filho de Poseidon e Gaia que foi vencido e morto por Hercules. Hercules teria se casado com Tingis e, dessa união, nasce Sufax que fundaria a cidade à qual deu o nome de sua mãe: Tingis. Inclusive os escombros das Colunas de Hercules estão entre as principais atrações turísticas da cidade (Wikipedia). Durante o século 20, sob o domínio conjunto de da Bélgica, Espanha, Estados Unidos França, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e União Soviética, Tanger passou a ser uma zona livre de impostos, com estatuto internacional. Em outubro de 1956 teve início o processo político que culminou no reconhecimento internacional da anexação de Tanger ao recém independente Marrocos, e à religião islâmica.

Com tal diversidade de influências, de elementos culturais e com pai e mãe de nacionalidades diversas (a mãe é italiana e o pai marroquino) é normal e até esperado que Mina, a personagem central do livro) se sentisse indecisa quanto à sua identidade cultural. Sua busca pelo encontro de um grupo social com base em características culturais partilhadas como semelhança física, língua, costumes, tradições, valores, história, entre outros, a leva a viajar pelos países que outrora dominaram Tanger. Em Londres, faz amizade com uma inglesa esnobe, estilo intelectual engajada, que embora a trate com afetividade, vê em Mina apenas uma figura pitoresca, não uma amiga de verdade, uma igual, mas apenas um troféu de sua alegada diversidade...

Nessa busca por “pertencimento” Mina tem um obstáculo: sua aparência física acentuadamente marcada por traços árabes como a pele mais escura, excesso de pelos grossos nos braços e pernas, cabelos ásperos e armados. Dificilmente os esnobes ingleses ou os BCBG (bon chic, bon genre) franceses a aceitariam como parte integrante de suas respectivas comunidades. Porque “pertencimento” é uma via de mão dupla. Não basta Mina querer pertencer a uma comunidade específica...a comunidade terá também de aceitar a presença dela.

E essa aceitação Mina não conseguiu obter por parte dos representantes daqueles mesmos países que exploraram economicamente a cidade de origem de seu pai. Mina assume então a única identidade cultural que lhe cabia por direito: a de ser Marroquina, de ser de Tanger, de defender a soberania desse país contra os colonizadores que, embora sejam considerados por grande parte dos povos asiáticos e orientais como pertencentes a uma raça superior (“White is Right”) não passam de exploradores desalmados que acreditam ser a raça branca superior às outras, merecedora, portanto, de todo o poder e privilégio obtidos através da exploração dos povos não brancos.